

Acertos Grupocármicos

Ione Rosa

Ampliação da Lucidez

Nas projeções conscientes, o assunto lucidez requer sério aprofundamento para meu entendimento. Tornara-me estudiosa do Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa. Contudo a informação sobre este assunto tão relevante era estreita diante da amplitude do fenômeno da projeção. Dediquei-me, então, ao estudo dos livros do Professor Waldo Vieira (os quais constam nas referências bibliográficas) e compreendi que o significado de estar lúcido multidimensionalmente é estar presente e ativo, raciocinando, vendo e sentindo com clareza os fatos, ideias ou eventos, e interagindo com facilidade, confiança, segurança, sem hesitar, no momento presente. Ou seja, vivenciar por inteiro cada situação em parceria com o amparador multidimensional. É desenvolver vivacidade, inteligência, manha, astúcia (segundo o Houaiss) tanto no físico como no extrafísico.

“A consciência intrafísica quando se projeta do corpo humano desfruta de um percentual de lucidez (hiperacuidade, percuciência) que varia do extremo inferior, zero, até ao extremo superior, o clímax de iluminação da cosmoconsciência que ultrapassa o mais elevado pique de lucidez possível à conscin na condição de vigília.

Amparo extrafísico e autoqualificação

Sempre percebi uma presença extrafísica por perto a qual agora sei que era o amparador, consciência extrafísica assistencial que nos auxilia nas tarefas pró-evolutivas de maneira multidimensional. Conforme a função assistencial da consciência intrafísica, ela pode ter amparador específico para aquela determinada tarefa. Existe uma lei cósmica que determina que a consciência mais lúcida, menos doente, assista a consciência menos lúcida, mais doente. O amparador aparece onde existe assistência.

O processo de qualificação de uma consciência é infinito. Estamos sempre aprendendo e para facilitar nosso aprendizado nada melhor que desenvolver técnicas que nos auxiliem nessa tarefa, a fim de desenvolvermos em todos os veículos de manifestação da consciência a capacidade pesquisada e a consequente reciclagem do traço-fardo trabalhado. A atenção aos detalhes é passo importante no desenvolvimento da lucidez para que não se perca a informação que estamos recebendo, seja no intrafísico - através dos sentidos - seja no extrafísico através do psicossoma ou do mentalsoma e de nossas energias.

Exercício da lucidez

Podemos treinar para desenvolver a lucidez no dia a dia com coisas aparentemente banais. Por exemplo, lembro como são os ponteiros de meu relógio? Qual é a cor da casa ao lado da minha? O que comi hoje pela manhã? O que pensei ontem, antes de dormir? Esse exercício nos tornará pouco a pouco mais atilados, mais espertos. Prestamos muito pouca atenção às coisas que nos cercam e aos detalhes e informações que os sentidos nos trazem. Podemos até atribuir tal desatenção à correria do cotidiano. Mas é inteligente nos atermos ao fato de que a desatenção nos leva a perder a lucidez, a nos fechar para o mundo a nossa volta, a abrimos mão da curiosidade. **Observar o corriqueiro é fruto de uma mente aberta.**

Casuística: resgates grupocármicos

Em maio de 2006, antes da tenepes, após me descoincidir, projetei-me e percebi várias consciexes espreitando, ambientando, como se estivessem rondando a minha tenepes. Dirigi-me a elas e falei bem alto: “No tengan miedo. Que vengan al toro”. E voltei imediatamente ao soma, cheia de interrogações.

Na madrugada seguinte, no horário da tenepes, após circular as energias, comecei a me descoincidir e a perceber muita gente. O local extrafísico se parecia àqueles enormes galpões das estâncias de minha terra natal. O barulho e a movimentação daquelas consciências era enorme. Batiam tampas de painéis, pás, enxadas, ancinhos e demais ferramentas agrícolas. Falavam ao mesmo tempo. Eram consciexes de pouca instrução.

O problema que aquela assembleia apresentava não estava relacionado a doenças, mas sim às suas dúvidas, à busca de esclarecimento. Pairava no ambiente uma energia de medo, de insegurança. Com percepções posteriores compreendi que era medo de mim! Essa foi a primeira vez que senti, através da emanção energética medrosa daquele grupo de consciexes, que eu posso ter sido em alguma retrovida um personagem muito danoso, malvado, perigoso. Essa é uma hipótese investigada há alguns anos.

Aparentemente, aquelas consciexes haviam descoberto algo que lhes descortinara a possibilidade de adquirirem os conhecimentos almejados. E estavam ansiosas por saber. Desejavam algo melhor para eles e naquele momento, por estranho que fosse, eu representava sua esperança de esclarecimento.

Não tive lucidez para rememorar se consegui ou não lhes dar o esclarecimento que buscavam. Contudo percebi na tenepes seguinte que estavam mais calmos e que já havia menos consciências presentes. Perguntei ao amparador “Como eles são?” Ele me respondeu “Sestrosos”. Voltei a perguntar: o que eles querem? Ele respondeu: “Crescer”. A energia desse povo me acompanhou durante todo o dia e em minha mente borbulhavam as palavras: desconfiado, inseguro, difícil, árduo, trabalhoso, espinhoso, áspero, sestroso. E também me sentia desconfortável com a sensação de ter tido poder sobre todos eles, em alguma ocasião, e de ter falhado como pessoa que detinha o poder.

Dois dias após, na tenepes, as consciências que ainda se encontravam ali foram finalmente esclarecidas. Projetada, esparramei sentimentos amorosos e os envolvi fraternalmente com carinho e confiança. Mostraram-se agradecidos, então expliquei sobre a troca energética saudável que estava ocorrendo entre eu e eles. Uma coisa que sempre me surpreende é a facilidade e clareza com que me comunico e faço a taref (tarefa do esclarecimento) no extrafísico.

Reconheci o nível evolutivo precário em que aquelas consciexes ainda se encontravam e que parte do que elas vivenciavam tinha sido provocado por mim. Compreendi minha responsabilidade assistencial: quem tinha de ajudá-los para que melhorassem em seu processo evolutivo era somente eu. Naquela oportunidade percebi que tenho muito para poder ajudar.

Na madrugada seguinte, pedi ao amparador que me permitisse chegar mais perto deste povo do Uruguai. Depois da tenepes voltei a dormir e me projetei. Percebi-me parada na esquina onde morava, em Jaguarão (RS). A rua lateral ia dar direto no Uruguai. Uma vala com lama escorregadia impedia que eu saísse dali.

Desloquei-me então, projetada, até a Rua Ijuí, em Porto Alegre, em busca de uma cliente do intrafísico que trabalhava com os Pretos Velhos no extrafísico e onde eu poderia obter informações sobre esse povo. Por muitos anos nós duas trocamos ideias e livros sobre temas relacionados aos escravos. Não a encontrei. Lembrei então de um armazém que havia perto dali, onde eu poderia obter as informações que queria.

Sempre projetada, dirigi-me para lá. O dono do armazém era negro, sisudo, desconfiado. Minha presença provocou naquele homem enorme má vontade e desagrado. Receava-me. A comunicação com ele era impossível. Ele não falava comigo, apenas mostrava-se emburrado e carrancudo e, apesar de minha insistência, avistei seu grupo familiar junto com outras consciexes e me dirigi a eles. Cheguei sorrindo e exalando energia fraterna pelo meu cardiochacra. Olhando e apontando para cada um dos presentes, falei-lhes sobre suas raízes e suas ressomas na época dos quilombos. De receosos, passaram a se mostrar alegres com a minha presença. A comunicação ficou tranquila. A mulher-esposa-mãe convidou-me para ir até os fundos da casa. Desejava me mostrar onde ficavam os quilombos. Notei que o chefe da família continuava a me observar de longe sem entrar na conversa, ainda desconfiado.

Voltei à base física e fiquei pensando sobre o encontro com essas pessoas desconfiadas, medrosas, sofridas. Meu desejo naquele momento era ter nível maior de lucidez para aprofundar a fraternidade a fim de que eles passassem a confiar em mim e para que pudessem tirar maior proveito da assistência que o amparo lhes estava prestando.

Fato interessante foi observar que o preconceito contra os negros que eu sentia no intrafísico, não se manifestava no extrafísico. Nos trabalhos de assistência, como o descrito e nos demais em que participo até hoje, meu cardiochacra transborda de carinho e fraternismo para todas consciências, sejam de que etnia forem. Nessa situação específica, condoía-me estar eu assistindo e eles ainda estarem em condição de assistidos.

Acordei com enorme euforia e uma espécie de eletricidade interna que foi se diluindo ao longo do dia.

Autorreflexões

Por que aquelas consciexes tinham receio de mim? Essa era uma pergunta que preenchia minha mente em todos os momentos do dia. Por que o dono do armazém, especialmente, não quis conversar comigo? Rememorei a energia com que falei: *no tengan miedo. Que vengan al toro!* e me dei conta de que eu era a representação do touro. Eu era o irracional, o furioso, o inconceivelmente forte, atuando poderosamente contra negros escravos indefesos. Claro que este fato se constitui ainda como hipótese para mim, já que não tenho 100% de lucidez para afirmar que sim, fui capitão do mato.

Chegou um tempo em que os acontecimentos se tornaram um tanto complicados no Brasil Meridional. O Uruguai aboliu o regime escravagista em 1842. Nosso país iria tomar a mesma medida apenas em 1888. Muitos estancieiros brasileiros, donos de escravos, possuíam latifúndios também em terras uruguaias, para onde enviavam seus cativos segundo as necessidades. Ora, fugir no Uruguai, país livre, era uma tentação para os negros escravos pertencentes a estancieiros brasileiros. As tênues linhas de fronteira entre os dois países constituíam uma motivação a mais para aqueles que serviam nas estâncias do lado brasileiro.

Mais ainda: em 1851 foi firmado o Tratado de Devolução de Escravos entre Brasil e Uruguai, criando-se assim uma dicotômica e desconfortável situação tanto para as autoridades do país vizinho como para os donos de escravos e capitães do mato. Nas circunstâncias daquela época, ao buscar os cativos pertencentes aos estancieiros, eles estariam ferindo a lei uruguaia. Embora as autoridades brasileiras incentivassem os capitães do mato *a prender todos que desconfiassem ser escravos*, as leis abolicionistas uruguaias garantiam que, perante os tribunais, muitos indivíduos negros fossem reconhecidos livres ainda que, muitas vezes, estes mesmos indivíduos estivessem sendo perseguidos como escravos pelas autoridades brasileiras.

Pelo Tratado de Devolução de Escravos o governo uruguaio deveria devolver os escravos que houvessem fugido. E neste quadro encontravam-se aqueles cativos que eram enviados por seus donos para as estâncias do outro lado da fronteira - o que configurava uma ilegalidade dada a inexistência do

regime escravocrata no Uruguai. Nesses casos, os escravos fugitivos aproveitavam a oportunidade para tentarem se radicar em terras de liberdade.

Por outro lado, esse Tratado estabelecia que um agente especializado ou o próprio dono do cativo, fosse autorizado a recuperar o fujão em terras uruguaias. Essa determinação fortalecia a atuação do capitão do mato, nomeado para as freguesias fronteiriças tais como Jaguarão, Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar, entre outras.

Casuística: Autodesassédio e reconciliação

Em agosto de 2011, fiz o curso de Imersão na Autopesquisa Multidimensional. A consciex amparadora na atividade de campo, após alguns minutos de reflexão e de exteriorização de energias, disse-me que eu tinha um grande parapsiquismo, mas havia bloqueio causado por uma incompreensão havida no passado e pela qual muito sofri. Esse bloqueio me impedia de avançar na qualificação.

Em princípio, eu não entendi qual incompreensão seria aquela. Resolvi perguntar se era de vidas passadas, ao que ele respondeu: “não, é desta vida mesmo”. Sentindo a minha dificuldade, indicou-me a pista com uma única palavra: pai. Então entendi.

Percebi, por intuição, que o Amparador sugeria-me anotar o nome de meu pai em um papel e exteriorizar energias enquanto, em conversa transmental, eu lhe dizia que havia compreendido a postura que ele havia adotado no passado. Procurei transmitir-lhe a ideia de que, na época em que tudo aconteceu, as condições de imaturidade e ignorância levaram-no a agir de modo a magoar-me profundamente.

Por perceber que ele precisava ajustar-se e também ser esclarecido, pedi ao Amparador um encontro extrafísico com meu pai. Depois de algumas semanas, tivemos esse encontro. Observei que meu sentimento com relação a ele havia mudado: identifiquei em mim a presença de um amor fraterno e até pensei estar tudo certo e resolvido.

Passaram-se alguns meses. Em outro curso, o professor pediu que cada aluno narrasse como era feita a sua assistência. Quando chegou a minha vez, fui acometida por forte emoção que me impedia de falar. Até ali eu contava ter já superado esse tipo de explosão emotiva. Eu não sabia o motivo daquele choro que vinha tão forte, tão lá do fundo. O professor comentou que, muitas vezes, quando a conscin chora sem saber por que, ela tem de se assistir. Isso deu-me um alívio muito grande e me propus a investigar-me para descobrir onde é que estaria a brecha.

No intervalo do almoço, compreendi que os acontecimentos do passado ainda não estavam resolvidos e vislumbrei o motivo daquele choro. Lembrei que meu pai trabalhava em construção civil e tinha fama de ser um bom pedreiro. Viajava para outras cidades, passando meses fora de casa. Em uma destas ocasiões, quando voltou – segundo minha mãe – ficaram se namorando por semanas, até ele voltar para o lugar onde ele estava trabalhando. Ficou lá por mais três meses e, ao voltar, encontrou minha mãe grávida de mim. Desconfiado de que aquele bebê não fosse filho seu, brigou com minha mãe até eu nascer. Em sua última discussão, eu já tinha um ano e o casal se separou.

No momento em que ele estava saindo de casa para ir embora definitivamente, eu, pequenina, chorando, fui ao seu encontro e me segurei em suas pernas. Com um chute, ele me jogou longe e fiquei ali, mais chorosa ainda, mendigando um carinho ou mesmo um aconchego de pai. Indiferente a tudo ele foi embora. Para mim, ao longo de meu crescimento, era muito claro que eu fui a causa da separação. Nesse processo de reflexão, lembrei de meu filho Clovis. Quando ele estava no segundo ano da escola fundamental, teve problemas de aprendizado. A própria escola oferecia tratamento com uma psicóloga-pedagoga. Nas seções com a profissional, surgiu a informação de que o menino se sentia rejeitado por mim, e esta rejeição existia desde antes de seu nascimento. Eu não conseguia entender o motivo disso.

Procurei lembrar de meus atos antes e durante a gestação e não encontrava motivo algum, até porque esperei por essa gravidez com muita alegria. Por várias semanas, refleti demoradamente sobre esse assunto, desejando encontrar o motivo. Não podia me conformar com aquilo. Até que em determinado momento veio o filmezinho da verdade em minha mente. O problema era o nome Clovis.

Quando éramos noivos, meu marido me disse que nosso primeiro filho se chamaria Clovis. De imediato senti uma fígada no cardiochacra. Eu não gostava daquele nome. Quando engravidei e as pessoas perguntavam o nome do bebê, meu cardiochacra se manifestava ao responder. Desta forma compreendi onde se instalava a rejeição.

Eu não gostava daquele nome por conta de uma pessoa de má referência, conhecida no passado, e que nada tinha a ver com meu filho. Com este entendimento, esclareci meu filho Clovis e tudo ficou bem.

Nessas lembranças, compreendi a importância da rememoração para a construção da compreensão dos fatos. Na gravidez de minha mãe, a rejeição a mim por parte de meu pai começou durante a gestação. Da mesma forma, eu passei para o feto na minha barriga, de forma inconsciente e também por ignorância e imaturidade, a rejeição que tinha pelo nome escolhido por seu pai. Sem me dar conta cometi o mesmo erro.

Era esse o detalhe que faltava para o entendimento pleno do duplo processo de rejeição. Compreendi com isso que os acontecimentos estão interligados para se revelarem no momento certo, quando irá se completar o entendimento e então se terá a visão ampla do todo através daquele detalhe. Muitas vezes os problemas não se resolvem pela falta da compreensão de um pequeno detalhe e as pendências ficam trancadas, incompletas.

Em vista disso entendi a projeção que tive tempos depois: estava no extrafísico, caminhando pela beira de uma calçada. Conforme me aproximava reconheci a minha irmã consciex. Ela estava conversando com alguém que vi ser o meu pai, também consciex. Seguindo o hábito que desenvolvi na mocidade, ia desviar o caminho para não encontrá-lo. Mas não foi possível, pois ele foi mais rápido. Aproximou-se de mim, cumprimentou-me e disse “tu vens seguido aqui”. Esta pequena frase mudou a energia e só então eu fiquei mais tranquila, aceitando melhor aquela situação. Dei conta de que, ainda que sem lucidez, me projetava constantemente para perto dele e não trazia rememoração desses encontros. Respondi-lhe então, bem-posicionada e motivada, “me chama sempre que eu vier aqui”.

Nesse sentido, observando os dois eventos, ou seja, o encontro extrafísico inicial patrocinado pelo Amparador e a projeção em que vi meu pai junto com minha irmã, percebi que não era a consciex que precisava do entendimento e sim eu. Compreendi então que grande parte do que sentimos tem sua causa em passado distante, o qual nem imaginamos ter existido, e que ainda assim pode causar repercussões em nossa vida atual. Tal situação desconcertante dura até termos a oportunidade de aprender sobre a autopesquisa para acessarmos a nós mesmos através do conhecimento e do discernimento para chegar ao entendimento e à superação.

Dando acabativa ao tema, em encontro recente de família, minhas irmãs assistiram a um vídeo doméstico no qual aparecia meu filho Clovis, dançando com sua esposa. Observaram sua extrema semelhança com o Oscar, meu pai, coisa que eu ainda não havia notado. Assim, olhando-o com olhos perquiridores, também eu constatee tal semelhança, o que me fez muito bem. Fico contente ao pensar que meu filho se parece muitíssimo com seu avô, meu pai, e esse sentimento bom parece envolver a nós três.

Meu filho resultou sendo a senha para eu perceber o profundo sentimento amoroso que nutro com relação a meu pai, sentimento este que sempre existiu, mas que permanecia abafado pelas minhas

mágoas. É bom nos mantermos atentos e observarmos a forma como nossos sentimentos se transformam quando perdoamos.

Autoconsciência no extrafísico

No extrafísico, percebo que tenho maior lucidez e sinto que devo tomar cuidado e dar maior atenção ao laringochakra. Quando percebo o laringochakra se abrir, como se estivesse se descolando, começo a mudar o foco, usando a seguinte frase como técnica: estou me conectando com a equipe extrafísica de alto nível e com o amparador para fazer assistência. Isso ajuda muito, pois esse comportamento motiva-me. Não fico me assediando, tranquilizo-me e sinto muita satisfação íntima. Utilizando essa técnica não permito a intrusão do assédio, ainda que provocado por mim mesma através do canto, como costumava acontecer antes da ressoma.

Houve um momento em que decidimos, no Grupo GPC-Tenepes, identificar qual o tipo de trabalho executávamos junto com o amparador durante nossas seções de tenepes. Conversei com o amparador pedindo-lhe para me ajudar a entender o que se passava no extrafísico nos momentos da prática assistencial. Tive então uma série de lembranças de projeções anteriores, nas quais encontrei as respostas aos meus questionamentos.

Em duas ocasiões, por ocasião da des soma de meus irmãos, tive a oportunidade de assisti-los no extrafísico. O primeiro caso foi o de minha irmã. Quando jovem, ela trabalhava em local distante de nossa casa. Eventualmente, era-lhe permitido voltar para casa e lá permanecer por alguns dias. Depois, retornava ao seu local de trabalho. Nas lembranças de projeções patrocinadas pelo amparador, identifiquei algumas destas ocasiões como momentos de grande felicidade na vida intrafísica de minha irmã.

Tempos se passaram e ela des somou em consequência de anorexia. Assim que foi possível, procurei-a no extrafísico e encontrei-a em uma sala onde várias consciências dormiam o sono pós-des somático.

Minha função ali era preparar o recinto para seu despertar. Sem intenção deliberada, apesar de estar lúcida, estava também inconsciente do que estava fazendo, preparei um quarto igual ao que tínhamos quando ela vinha nos visitar na casa onde morávamos. A disposição das camas, o berço em que eu dormia - pois era bem pequena naquela época-, tudo estava igual. O objetivo desta preparação para o despertar de minha irmã era para ela sentir-se em casa e não se assustar por estar em ambiente desconhecido. Já com meu irmão, assim que ele des somou, fui encontrá-lo no extrafísico. Deparei-me também com um ambiente semelhante ao que ele gostava no intrafísico, cuidando de suas vacas, em campo aberto, próximo a pequena casa de madeira. Compreendi que foi ali que ele despertou no extrafísico.

Devo ressaltar que as experiências acima que tive com meus irmãos foram casos excepcionais, que não se estenderam a outras consciências. Contudo, este foi o modo através do qual o amparador me mostrou como são minhas atividades com ele naquela dimensão.

Pesquisa sobre a Assistência na Tenepes

Fiz o curso Assistencialidade em 2001, no IIPC – Porto Alegre, ministrado pela professora Nora Derosso. Naquela época, eu compreendia muito pouco o que os cursos transmitiam. Nos intervalos, ficava chorando no banheiro, me vitimizando pela dificuldade de entendimento dos conteúdos. Contudo, aos poucos o significado da tenepes tornou-se claro e assim passei a me disponibilizar para o amparo movimentando as energias em minha cama, ao lado do marido. Ao comentar este fato no curso fui elucidada sobre o processo da tenepes e também sobre as reciclagens e auto-organizações que o futuro

tenepessista deve implementar em sua vida. Assim esclarecida, tomei minhas decisões. A tenepes é uma tarefa solitária. Não deve ter nenhuma outra pessoa por perto, no mesmo ambiente. Assim, apesar do desejo intenso de fazer assistência o quanto antes, eu tinha de observar algumas normas de Tenepes: tarefa energética pessoal.

Amparador da tenepes

Amparador é uma consciex lúcida, auxiliar multidimensional, especializada em determinada função, cosmoética, técnica, objetiva, direta, universalista; tem por objetivo maior a evolução das consciências; atua com lucidez no microuniverso consciencial da conscin a qual ampara.

Em geral, pensa-se que o amparador é uma figura incomum, por sua importância em nossa vida. Certa ocasião, durante a tenepes vi, em minha tela mental, um homem robusto, vestido de branco, forte, que entendi ser o amparador, organizando o ambiente, com cuidado e técnica. Fiquei observando. No dia seguinte, novamente observei aquele mesmo homem vestido de branco. Em função de suas roupas, pensei: *“Parece uma seção de umbanda”!* Imediatamente sua voz ecoou dentro de mim: *“Nós aqui trabalhamos e vocês aí põem os nomes”*.

Compreendi assim a objetividade de suas atitudes, mostrando-me que no extrafísico não se dá importância aos nomes, não se tem preconceitos. O importante é trabalhar e realizar a tarefa assistencial.

ASSISTÊNCIA ATRAVÉS DA ENERGIZAÇÃO

***Modus operandi* extrafísico**

Nessa trajetória existencial compreendi que a energização pode ser feita de diversas maneiras, variando segundo o momento e a necessidade do assistido. O objetivo maior da energização é transformar o mal-estar em bem-estar.

Na medida em que aumenta a lucidez nas projeções para fora do corpo, venho, paralelamente, observando-me para detectar o modo como funciono no extrafísico, as diversas maneiras de exteriorizar energias e se existe algum especialismo ou invulgaridade nessa tarefa. A observação é feita mais facilmente no intrafísico, onde a assistência também ocorre. Por isto mesmo tinha curiosidade em saber as variantes possíveis, dentro de meu processo, existentes no extrafísico. Além de minhas experiências e anotações pessoais, pesquisei na internet e em livros sobre esse tema. As reciclagens de meus traços-fardo também são uma constante, sem as quais as pesquisas de qualquer espécie seriam inúteis.

A curiosidade consciente relativa à assistência que pratico visa tornar a assistência cada vez melhor, compreendendo os fatos que acontecem nas duas dimensões, física e extrafísica. Costumo afirmar aos grupos de assistidos no extrafísico que “quanto melhor eu estiver, melhor posso ajudá-los”.

Então, minhas observações recentes, e as nem tão recentes, permitiram-me listar os seguintes dados quanto ao meu *modus operandi* extrafísico:

- A intenção de assistir o próximo embasa minhas atitudes e é o pontapé inicial de toda assistência que realizo.

- Os palmochacras são o *equipamento* que mais utilizo, tanto no físico como no extrafísico. Suponho ser essa condição comum à maioria das pessoas, pois lidamos com as mãos, prioritariamente, no cotidiano.

Também costumo usar os palmochacras na defesa energética quando o assédio se apresenta. Faço uma barreira com a energia em forma de rede, com as paramãos, e reforço a rede na forma de zig-zague para que o assédio não ultrapasse.

Casuística 1. *Estava projetada em um ambiente com vários adolescentes e havia uma amparadora junto a eles. Um dos adolescentes apontava com o dedo para a sua garganta. Observando, vi vários caroços sobressaindo da pele. Perguntei-lhe se permitia que eu colocasse as mãos naquele local. A princípio ele recusou, mas logo aceitou minha energização. Posicionando as paramãos sobre sua garganta, ativei os palmochacras. O rapaz informou que estava muito quente e queimando. Afastei-me continuando com o processo para que os jatos energéticos chegassem em sua garganta sem machucá-lo. Parava um pouco naquela posição e devagar afastava-me novamente.*

Casuística 2. *Estava deitada na base extrafísica, na minha cama. Vi que chegou uma pessoa conhecida (conscin projetada) com as mãos sobre o estômago, encurvada, com muita dor e se aconchegou ao meu lado, na cama. Com as paramãos fiz uma massagem em sentido horário em toda aquela área. Depois de alguns dias, encontrei-me com aquela pessoa no intrafísico e perguntei-lhe se havia tido dor no estômago ultimamente. Respondeu-me que sim, havia sido uma dor muito forte. Conte-lhe sobre a projeção e ela ficou muito emocionada. Disse-me que a dor tinha passado sem que ela fizesse nada.*

Procedimento

Quando encontro conscins com dores, no intrafísico, coloco as mãos na área afetada, a pouca distância sobre a pele. A resposta imediata é de alívio. Na região do estômago, costuma aparecer a sensação de uma gelatina refrescante em movimento.

Já em outras áreas do soma a energia começa quente e termina gelada, suave, dando indicação de que a região afetada foi equilibrada, harmonizada. Algumas vezes, quando percebo que restaram algumas rebarbas, recebo a intuição de que devo aplicar alguma coisa a mais, diferente, para completar o processo. Muitas vezes, essa complementação é um esclarecimento ou uma palavra carregada de fraternismo o que amplia a energia. A sensação é de que existe um canal que aquece cada vez mais até a palavra ser proferida.

Referência: Rosa, Ione; *Acertos grupocármicos – Teáticas interassistenciais segundo a Conscienciologia*; Editares; Foz do Iguaçu-PR; 2021.